

## Abuso digital nos relacionamentos afetivo-sexuais: uma análise bibliográfica

Cyber dating abuse in affective and sexual relationships: a literature review

Abuso digital en relaciones afectivo-sexuales: un análisis bibliográfico

Roberta Matassoli Duran Flach <sup>1</sup>  
Suely Ferreira Deslandes <sup>1</sup>

doi: 10.1590/0102-311X00138516

### Resumo

A cultura digital e sua rede de comércio, expandida a partir dos anos 2000 com o advento das plataformas de redes sociais, incita seus participantes à (hiper) exposição e espetacularização das intimidades, com consequências inerentes à imagem pessoal e à privacidade, publicizando nos meios digitais questões de foro íntimo, especialmente os relativos à sexualidade e corporalidade. Nesse contexto, busca-se compreender como o fenômeno do abuso digital nas relações afetivo-sexuais é conceituado e caracterizado nos estudos científicos, quais agravos à saúde são associados e tecnologias sociais de intervenção são sugeridas. Essa forma de abuso digital é uma nova expressão da violência entre parceiros íntimos que envolve, dentre outras práticas, a disseminação de fotos e vídeos constrangedores e mensagens íntimas sem o consentimento prévio, com o intuito de humilhar e difamar a pessoa. O presente trabalho constitui uma revisão sistemática integrativa, incluindo 35 artigos, predominando os estudos norte-americanos (22). Dentre os tipos de abusos digitais se destacam as formas de agressão direta e controle/monitoramento. Apesar da alta prevalência, especialmente entre adolescentes e jovens, a literatura destaca que a prática desse tipo de abuso digital é muitas vezes naturalizada. As intervenções sugeridas são majoritariamente de prevenção e conscientização acerca dos relacionamentos abusivos, atuação de conselheiros na escola e para a orientação às famílias. A alta reciprocidade da prática do abuso digital nas relações afetivo-sexuais entre homens e mulheres indica que análises futuras devem buscar compreender como as dinâmicas de violência de gênero são aí reproduzidas ou subvertidas.

Violência por Parceiro Íntimo; Rede Social; Internet; Adolescente

### Correspondência

R. M. D. Flach  
Instituto Nacional de Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira, Fundação Oswaldo Cruz.  
Av. Rui Barbosa 716, 2º andar, Rio de Janeiro, RJ 22250-020, Brasil.  
matassoli@gmail.com

<sup>1</sup> Instituto Nacional de Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, Brasil.



## Introdução

A sociabilidade contemporânea foi radicalmente transformada a partir da virtualização das relações, mediadas por cibertecnologias de comunicação, permitindo novos espaços de trocas comerciais, informacionais, estéticas, sexuais, afetivo-amorosas e de ativismo político <sup>1</sup>. As relações sociais realizadas a partir da interconexão mundial de computadores (rede ou ciberespaço) definem uma cultura peculiar. Definida por Lévy <sup>2</sup>, a cibercultura seria o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço.

Como qualquer processo tecnocientífico, as sucessivas transformações incorporadas acabam por produzir saltos qualitativos nos modos de operar e reproduzir as tecnologias. A popularização da Internet, iniciada em 1980, ganhou expansão inigualável a partir dos anos 2000. Tal fase, denominada “web 3.0”, trata das plataformas voltadas às redes sociais, suportada por uma nova categoria de aparelhos (*smartphones, tablets*) permitindo conexões mais velozes, remotas por acesso sem fio (*wi-fi* e *wi-max*), por redes caseiras, por tecnologias *bluetooth* e autoatualizáveis <sup>3,4</sup>. Além de permitirem conexão instantânea, também possibilitaram aos sujeitos mobilidade, fazendo com que qualquer pessoa tenha a liberdade de se expressar, produzir, distribuir e compartilhar informações, fotos, vídeos, mensagens de texto, a qualquer hora, em qualquer lugar.

Na cibercultura, a ubiquidade da informação, os documentos interativos interconectados, as telecomunicações recíprocas e assíncronas em grupos e intergrupais fazem do ciberespaço vetor de um universo aberto <sup>2</sup>.

Todavia, da mesma forma que permite a “livre-expressão” de ideias e modos de viver, que viabiliza associativismos de toda ordem, que democratiza o acesso à informação, o desenvolvimento de tecnologias capazes de rastrear informações, atitudes e gostos pessoais constitui uma oportunidade ímpar para a oferta insistente de mercadorias por diversas empresas, e tal função seria o sustentáculo desta cultura, instituindo uma espécie de “panóptico de mercado” sem igual <sup>5</sup>.

Os críticos da cibercultura irão pontuar também que a cultura digital com base em suas lógicas e gramáticas próprias, convida seus partícipes à (hiper) exposição de identidades e espetacularização das intimidades, com consequências inerentes à imagem pessoal e à privacidade <sup>3,6</sup>. Nesse contexto, no dia a dia, os sujeitos acabam naturalizando a prática de postar para uma multidão de espectadores todo tipo de informação, como acidentes, manifestações, passeios realizados, amores correspondidos ou não, relações afetivo-sexuais iniciadas e desfeitas, fotos e vídeos íntimos.

Assim, seria possível associar a cibercultura ao conceito de “sociedade do espetáculo”, cunhado por Debord <sup>7</sup>. Todavia, não se trata mais da apropriação do real por meio da representação do mundo via uso de mídias de massa. Na cibercultura, a simulação é tomada como via de apropriação do real (realidade virtual). Passamos de meros observadores maravilhados com a obra (sociedade do espetáculo) aos agentes dentro da obra, como navegadores, exploradores e atores (sociedade da simulação) <sup>4</sup>.

As comunidades virtuais eletrônicas permitem agregações em tornos de interesses comuns, independentes de fronteiras ou demarcações territoriais fixas, instituindo um território simbólico de pertencimento e partilha <sup>8</sup>.

As relações sociais virtuais estão pautadas numa “hipervisibilidade” da vida pessoal nas mídias, publicizando nos meios digitais questões particulares, de foro íntimo, especialmente os relativos à sexualidade e ao corpo <sup>5</sup>. Se estar fora das redes sociais virtuais é sinônimo de exclusão e visto como um comportamento antissocial, ser um partícipe das mesmas redes não significa a expansão de laços reais de solidariedade ou de convivência face a face.

*“...paradoxalmente, a experiência de vivermos globalmente conectados parece que não está nos transformando em pessoas mais ‘sociais’. Existem poucas evidências que redes como Facebook, Skype, Instagram ou Twitter estão nos tornando sujeitos mais compassivos ou tolerantes; pelo contrário, é comum o uso desses espaços para práticas desrespeitosas, violentas ou discriminatórias a determinados grupos sociais, mostrando que os discursos que alimentam os preconceitos não são estáticos, mas se atualizam e se reproduzem com a mesma velocidade com que incorporamos as tecnologias em nossas práticas cotidianas”* <sup>6</sup> (p. 198).

As interações digitais também passam a constituir espaços de práticas de discriminação e violência, especialmente entre pessoas próximas, como pares e parceiros íntimos. As violências ocorridas nos relacionamentos afetivo-sexuais adolescentes começaram a ganhar maior destaque no meio

científico nos Estados Unidos e Europa no fim dos anos 1990, sendo reconhecidas como um problema com severas repercussões à vida e à saúde daqueles que as vivenciam<sup>9,10,11,12,13</sup>. Estudos recentes indicam que entre 20% e 50% dos adolescentes norte-americanos já experimentaram uma situação de violência durante as relações íntimas<sup>14</sup>, atraindo a atenção da comunidade científica para o abuso digital nos relacionamentos afetivo-sexuais.

Esses envolvem desde ameaças e insultos em mídias sociais digitais até mesmo a disseminação de fotos, vídeos, mensagens íntimas sem o consentimento prévio, com o intuito de humilhar, difamar a pessoa, bem como inclui as formas de controle das postagens e comunicações feitas<sup>15,16,17</sup>.

Concordamos com distintos autores, como Dick et al.<sup>18</sup>, Lucero et al.<sup>19</sup>, Zweig et al.<sup>20</sup> e Schnurr et al.<sup>21</sup> que entendem que o abuso digital nas relações afetivo-sexuais é uma nova expressão da violência entre parceiros íntimos e não meramente uma forma de *cyberbullying*. Não é negar, entretanto, como demonstram alguns estudos, a existência de uma inter-relação entre esses fenômenos, isto é, quem já sofreu *bullying/cyberbullying* teria mais chances de também sofrer abuso digital nos relacionamentos afetivo-sexuais<sup>22</sup>.

O *cyberbullying* é uma forma de *bullying* que está circunscrito às relações entre pares<sup>23,24</sup> e também constitui um fenômeno recente, cujos estudos e primeiras publicações datam de aproximadamente meia década atrás, sobretudo na Europa e Estados Unidos<sup>25,26,27,28</sup>. Consequentemente sua definição não é consensual nem mesmo entre os diversos autores que buscam definir esse fenômeno<sup>24,29,30</sup>.

O abuso digital nos relacionamentos afetivo-sexuais, apesar de também usar as mídias digitais como meios de veiculação, não se limita ao âmbito dos pares (há namorados com grande diferença etária, por exemplo), além de também se apresentar nos relacionamentos entre parceiros(as) adultos(as) (fato este que raramente ocorre no *cyberbullying*). A audiência (exposição para testemunhas) tem papel importante nas dinâmicas de poder e humilhação na prática do *cyberbullying*, o que não ocorre necessariamente no abuso digital nos relacionamentos afetivo-sexuais. Essa forma de abuso digital é estabelecida especificamente entre parceiros ou ex-parceiros afetivo-sexuais (o que não é aplicado ao *bullying*) – o que implica relações de intimidade e de confiança de outra ordem que aquela entre pares/colegas. Como destacam Zweig et al.<sup>20</sup>, a capacidade de compartilhar facilmente informações privadas e da intimidade sexual sobre o(a) parceiro(a) pode intensificar uma experiência qualitativamente diferente para quem a vivencia.

A forma como os conteúdos relativos ao abuso digital nos relacionamentos afetivo-sexuais são disseminados pela Internet torna muito difícil identificar sua autoria, responsabilizar seus perpetradores, assim como impedir que o material exposto continue sendo reproduzido em outros meios digitais, acessado em todo o planeta, mesmo que já tenha passado meses ou anos.

Como já reportado pelos estudos da área, os adolescentes são extremamente vulneráveis a essas modalidades de violência. A sociabilidade digital atrai de forma particular os adolescentes, que no processo de construção da identidade incorporam a Internet ao seu cotidiano e nela se expressam e se expõem<sup>31</sup>. As tecnologias digitais suscitam aos adolescentes a hiperexposição de sua imagem, de forma voluntária e sem crivos críticos ou protetivos. Assim, postagens com conteúdos íntimos podem ser replicadas sucessivamente para terceiros<sup>32</sup>.

Conhecer o estado da arte sobre o abuso digital nos relacionamentos afetivo-sexuais pode contribuir para uma maior compreensão deste fenômeno pouco conhecido, elencando subsídios para ações com vistas ao empoderamento especialmente dos jovens para uma reflexão crítica sobre a hipervisibilidade da intimidade nas relações digitais, assim como para a reflexão acerca das novas formas de violência entre parceiros, agora também mediadas pela Internet.

Este estudo objetiva compreender como a literatura científica sobre o abuso digital ocorrido nas relações afetivo-sexuais tem conceituado o fenômeno, quais designações lhe atribuem, quais implicações para a saúde são descritas e quais tecnologias sociais de intervenção são sugeridas.

## Metodologia

O presente artigo constitui uma revisão bibliográfica integrativa. Essa forma de revisão sistemática que prevê a inclusão de estudos realizados sob a condução de metodologias as mais diversas, tem por objetivo analisar o conhecimento já construído em pesquisas anteriores sobre um determinado tema,

permitindo a geração de novos conhecimentos<sup>33</sup>. Assim, a revisão integrativa apresenta o estado da arte sobre um tema e contribui para o desenvolvimento de novas teorias<sup>34</sup>.

Adotamos as seis fases descritas por Botelho et al.<sup>12</sup>. Inicialmente elaborou-se a questão de investigação, que orientou o levantamento de artigos científicos e a caracterização das fontes estudadas. As questões investigativas deste estudo foram: “Quais conceitos e denominações são atribuídos ao abuso digital nos relacionamentos afetivo-sexuais?”; “Como o abuso digital nos relacionamentos afetivo-sexuais é caracterizado (tipos, vivências e consequências)?”; “Quais as implicações para a saúde dos envolvidos são citadas?” e; “Quais os tipos de tecnologias sociais são sugeridos como prática de intervenção?”.

A segunda fase envolveu a definição dos critérios de inclusão dos textos: estar nas bases de dados da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), MEDLINE, PubMed e Periódicos Capes; qualquer ano de publicação (até 2016 inclusive); qualquer nacionalidade; qualquer idioma; e estar disponível para impressão. Os descritores utilizados foram: *Cyber Dating Abuse* (CDA); *Cyber Dating Abuse* (AND) *Revenge Porn* (CDARP); *Cyber Dating Abuse* (AND) *Sexting* (CDAS); *Cyber Dating Aggression* (CDAgg); *Teen Dating* (AND) *Cyber Abuse* (TDCA). Foram desconsiderados todos os artigos que não se enquadravam nos objetivos do referido estudo.

Durante a terceira fase foi realizada a leitura criteriosa dos títulos, resumo e palavras-chave de todas as publicações selecionadas. Após a leitura de cada publicação e eliminação dos textos duplicados, foram selecionados 35 artigos (Tabela 1).

Na quarta fase foi elaborada a matriz de síntese dos estudos selecionados com base nas variáveis: fonte/ano, referência, país de origem, palavras-chave e base de dados, e fonte, objetivo e metodologia do estudo.

Ao longo da quinta fase, os artigos foram classificados segundo as categorias definidas: conceituação/denominações, caracterização e tecnologias sociais de intervenção. Na sexta fase realizou-se a síntese de todo o conhecimento conforme a categorização descrita.

## Resultados e discussão

### Caracterização do acervo

Como é possível observar nos Tabelas 2 e 3, os estudos sobre abuso digital nos relacionamentos afetivo-sexuais além de serem muito recentes (o mais antigo data de 2010), em sua maioria foram realizados por instituições norte-americanas (22), seguidos das espanholas (6), belgas (4), britânica (1), italiana (1) e da República Tcheca (1).

Soma-se a isso o fato de 13 das 35 publicações serem resultados de pesquisas de quatro grupos<sup>18, 20,35,36,37,38,39,40,41,42,43,44,45</sup>, demonstrando que o tema ainda está ganhando espaço no meio acadêmico científico e que basicamente são os mesmos pesquisadores que se dedicam ao estudo deste novo fenômeno social.

A maior parte das publicações optou pela realização de estudos transversais (12), seguidos daqueles que optaram pela revisão da literatura (5) e *survey* (5), pelo estudo longitudinal (3), pelo modelo de caso-controle (2), pelo estudo quantitativo (2), ensaio (1), análise de banco de dados quantitativo e qualitativo (1) e somente quatro artigos adotaram exclusivamente a metodologia qualitativa.

Cabe ressaltar ainda que delimitamos, intencionalmente, o fenômeno do abuso digital nos relacionamentos afetivo-sexuais na busca bibliográfica, excluindo as formas usuais de *cyberbullying*, objetivando a delimitação desta nova expressão da violência entre parceiros íntimos. Diante disso, é possível verificar na Tabela 4 a polifonia de termos no trato científico do fenômeno, no qual o abuso digital nos relacionamentos afetivo-sexuais é também definido como: *cyber dating violence/abuse* (o mais frequente); *on-line dating abuse*; *cyber aggression*; *cyberacoso/cyber* perseguição; *intimate partner cyber harassment*; *technology based abuse*; *electronic dating aggression/cyber-stalking*; *technology and dating conflict*; *technology assisted adolescent dating violence and abuse* (TAADVA); *digital forms of dating abuse*; *socially interactive technologies* (SITs) *abuse/violence*; *partner cyber abuse*, evidenciando que o fenômeno ainda não foi suficientemente reconhecido e explorado pelo campo científico, e seus contornos ainda estão sendo demarcados pelos estudiosos.

Tabela 1

Caracterização dos artigos segundo bases de dados, chave de busca e quantidade de identificados, excluídos e escolhidos.

Base de dados	Identificados com duplicidade					Excluídos *				
	CDA	CDARP	CDAS	CDAgg	TDCA	CDA	CDARP	CDAS	CDAgg	TDCA
Periódicos Capes	186	16	59	61	153	177	10	24	57	108
BVS	20	0	2	8	3	2	0	0	1	0
MEDLINE	23	0	2	10	14	4	0	0	3	2
PubMed	19	0	2	12	12	3	0	0	3	2

  

Escolhidos			
Contidos em uma base de dados	Contidos em duas bases de dados	Contidos em três bases de dados	Contidos em todas as bases de dados
19	2	1	13

BVS: Biblioteca Virtual em Saúde; CDA: *Cyber Dating Abuse*; CDAgg: *Cyber Dating Aggression*; CDARP: *Cyber Dating Abuse (AND) Revenge Porn*; CDAS: *Cyber Dating Abuse (AND) Sexting*; TDCA: *Teen Dating (AND) Cyber Abuse*.

\* Foram excluídos todos os artigos que não traziam a discussão sobre *cyber dating abuse* e/ou *teen dating & cyber abuse*, artigos duplicados e os que foram publicados em 2017.

Por ser um fenômeno que ainda não está suficientemente definido na literatura científica, como é possível verificar na Tabela 4, o abuso digital nos relacionamentos afetivo-sexuais – com base na síntese da literatura levantada – pode ser caracterizado como: uma nova expressão da violência entre parceiros íntimo; um fenômeno emergente, com características específicas e elementos diferenciados da violência ocorrida no namoro face a face e no *cyberbullying*, perpetrado por meio do uso da Internet e de tecnologias digitais que não têm barreiras geográficas ou temporais para sua expressão, com a intenção de causar danos ao(à) parceiro(a), e com importantes consequências à saúde mental de suas vítimas.

Ainda tomando por base a Tabela 4, dentre os tipos de abusos digitais identificados estão: (1) a agressão direta e controle; (2) a associação com outros tipos tradicionais de violência entre parceiros íntimo; e (3) a interação das formas de abusos digitais nos relacionamentos afetivo-sexuais com o *sexting*.

A agressão direta está relacionada a comportamentos deliberados por meio do uso de tecnologias que permitem acesso às mídias sociais, com a intenção de causar danos ao parceiro, seja com ameaças, insultos, disseminação de informações privadas, incluindo fotos e vídeos pessoais e roubo de identidade realizada por meio da criação de perfil falso do parceiro atual ou ex-parceiro em rede social, e o controle/monitoramento à vigilância ou invasão de privacidade do parceiro atual ou ex-parceiro a fim de rastrear a última conexão, ou usar a senha pessoal do parceiro sem o seu consentimento para verificar seu *e-mail*, mensagens, contatos telefônicos, rede social ou até mesmo para monitorar a sua localização por sistema de posicionamento global (GPS), por meio de insistentes contatos telefônicos, ou ainda postando fotos e vídeos com o propósito de humilhar e embaraçar o parceiro ou ex-parceiro 19,22,35,36,37,41,42,43,46,47,48,49,50,51,52,53,54,55,56.

Em um estudo realizado por Borrajo et al. <sup>36</sup>, no que diz respeito às dinâmicas de disseminação, verifica-se que mais de 50% dos casos relatados de abusos digitais ocorridos nos relacionamentos afetivo-sexuais foram praticados via serviço de mensagem ou aplicativos de mensagens, como WhatsApp, 40% via rede de relacionamento social, como Facebook, e cerca de 7% via *e-mail*. Tal distribuição revela também a predileção dos jovens por determinadas mídias sociais <sup>5</sup>.

Sobre o abuso digital e a associação com outros tipos tradicionais de violência perpetrada por parceiro íntimo (*“off-line violence”*), os achados científicos sugerem que aqueles que são vítimas de violência no namoro em um contexto face a face têm maior propensão de serem também vitimados pelos parceiros no ambiente digital <sup>37,40,42,43,44,47,48,49,52,54,55,56,57,58,59,60,61,62</sup>. Contudo, não há consenso entre quais formas de violência no namoro presencial são mais determinantes para a ocorrência do abuso digital no relacionamento afetivo-sexual. Observou-se que os autores entendem por “formas tradicionais de violência no namoro” aqueles relacionamentos face a face que envolvem uma

**Tabela 2**

Caracterização das fontes segundo país de origem, palavras-chave e base de dados, 2010-2016.

Fonte/Ano	País de origem	Palavras-chave	Base de dados
Borrajo et al. <sup>35</sup> /2015	Espanha	CDA CDAS CDAgg TDCA	BVS/MEDLINE/PubMed Periódicos Capes BVS/MEDLINE/PubMed Periódicos Capes
Borrajo et al. <sup>36</sup> /2015	Espanha	CDA CDAS CDAgg TDCA	BVS/MEDLINE/PubMed Periódicos Capes BVS/MEDLINE/PubMed MEDLINE/PubMed/Periódicos Capes
Borrajo et al. <sup>37</sup> /2015	Espanha	CDAS	Periódicos Capes
Dank et al. <sup>38</sup> /2014	Estados Unidos	CDA CDAgg TDCA	BVS/MEDLINE/PubMed/Periódicos Capes PubMed MEDLINE/PubMed/Periódicos Capes
Dick et al. <sup>18</sup> /2014	Estados Unidos	CDA CDAS TDCA	BVS/MEDLINE/PubMed Periódicos Capes MEDLINE/PubMed/Periódicos Capes
Durán & Martínez-Pecino <sup>22</sup> /2015	Espanha	CDA	Periódicos Capes
Foshee et al. <sup>57</sup> /2015	Estados Unidos	CDA TDCA	BVS/MEDLINE/PubMed MEDLINE/PubMed/Periódicos Capes
Jackson et al. <sup>46</sup> /2015	Estados Unidos	TDCA	Periódicos Capes
Sánchez et al. <sup>58</sup> /2015	Espanha	CDAS TDCA	Periódicos Capes Periódicos Capes
Johnson et al. <sup>67</sup> /2015	Estados Unidos	TDCA	Periódicos Capes
Lucero et al. <sup>19</sup> /2014	Estados Unidos	CDA CDAS CDAgg TDCA	Periódicos Capes Periódicos Capes Periódicos Capes Periódicos Capes
Marganski & Fauth <sup>63</sup> /2013	Estados Unidos	CDAgg	Periódicos Capes
Marganski & Melander <sup>47</sup> /2015	Estados Unidos	CDA CDAgg	BVS/MEDLINE/PubMed/Periódicos Capes BVS/MEDLINE/PubMed
Martínez-Pecino & Dúran <sup>48</sup> /2016	Espanha	CDAgg	BVS/MEDLINE/PubMed
McDonald & Merrick <sup>59</sup> /2013	Estados Unidos	TDCA	Periódicos Capes
Melander <sup>49</sup> /2010	Estados Unidos	CDAgg	MEDLINE/PubMed
Miller & McCauley <sup>50</sup> /2013	Estados Unidos	CDA	BVS/Medline
Miller et al. <sup>41</sup> /2015	Estados Unidos	CDA CDAgg TDCA	BVS/MEDLINE/PubMed PubMed MEDLINE/PubMed
Morelli et al. <sup>64</sup> /2016	Itália	CDARP TDCA	Periódicos Capes Periódicos Capes
Murray et al. <sup>51</sup> /2016	Estados Unidos	CDAS TDCA	Periódicos Capes Periódicos Capes
Patton et al. <sup>60</sup> /2014	Estados Unidos	CDA CDAgg TDCA	Periódicos Capes Periódicos Capes Periódicos Capes
Reed et al. <sup>52</sup> /2016	Estados Unidos	CDA CDAS CDAgg TDCA	BVS/MEDLINE/PubMed Periódicos Capes/BVS/MEDLINE/PubMed BVS/MEDLINE/PubMed Periódicos Capes
Rueda et al. <sup>53</sup> /2015	Estados Unidos	CDAS TDCA	Periódicos Capes Periódicos Capes

(continua)

Tabela 2 (continuação)

Fonte/Ano	País de origem	Palavras-chave	Base de dados
Stonard et al. 54/2014	Reino Unido	CDAS	Periódicos Capes
		TDCA	Periódicos Capes
Taylor et al. 55/2015	Estados Unidos	TDCA	Periódicos Capes
Temple et al. 56/2016	Estados Unidos	CDA	BVS/MEDLINE/PubMed
		CDAS	Periódicos Capes
		TDCA	MEDLINE/PubMed
Van Ouytsel et al. 42/2016	Bélgica	CDAS	Periódicos Capes
Van Ouytsel et al. 43/2016	Bélgica	CDAS	Periódicos Capes
		TDCA	Periódicos Capes
Van Ouytsel et al. 44/2016	Bélgica	CDAS	Periódicos Capes
		TDCA	Periódicos Capes
Walrave et al. 45/2015	Bélgica	CDAS	Periódicos Capes
		CDARP	Periódicos Capes
		TDCA	Periódicos Capes
Wolford-Clevenger et al. 61/2016	Estados Unidos	CDA	BVS/MEDLINE/PubMed
		CDAgg	BVS/MEDLINE/PubMed
		TDCA	Periódicos Capes
Wright 62/2015	República Tcheca	CDA	Periódicos Capes
		CDAgg	Periódicos Capes
		TDCA	Periódicos Capes
Yahner et al. 39/2015	Estados Unidos	CDA	BVS/MEDLINE/PubMed/Periódicos Capes
		CDAgg	PubMed
		TDCA	BVS/MEDLINE/PubMed/Periódicos Capes
Zweig et al. 40/2013	Estados Unidos	CDA	BVS/MEDLINE/PubMed/Periódicos Capes
		CDAS	Periódicos Capes
		CDAgg	PubMed
		TDCA	BVS/PubMed/Periódicos Capes
Zweig et al. 20/2014	Estados Unidos	CDA	BVS/MEDLINE/PubMed/Periódicos Capes
		CDAS	Periódicos Capes
		TDCA	BVS/MEDLINE/PubMed/Periódicos Capes

BVS: Biblioteca Virtual em Saúde; CDA: *Cyber Dating Abuse*; CDAgg: *Cyber Dating Aggression*; CDARP: *Cyber Dating Abuse (AND) Revenge Porn*; CDAS: *Cyber Dating Abuse (AND) Sexting*; TDCA: *Teen Dating (AND) Cyber Abuse*.

variedade de comportamentos violentos e coercitivos, que incluem o abuso verbal, físico, psicológico, sexual, assédio e, até mesmo, perseguição no contexto do namoro passado ou presente 37,40,42,43,44,47, 48,49,52,54,55,56,57,58,59,60,61,62.

Tendo em conta a facilidade e a imediatividade oferecidas pelas novas tecnologias *on-line* para a disseminação dos conteúdos abusivos, jovens chegam a experimentar até 23 incidentes diferentes de abuso digital nos relacionamentos afetivo-sexuais em um intervalo de apenas seis meses 36 e se prevê o aumento potencial do risco de ocorrência do mesmo, dado a sua natureza indireta, a ausência de espaços geográficos-temporais e a frequente reciprocidade destes atos 19,35,36,37,39,41,45,54,55,56,61.

Apesar da alta prevalência reconhecida pelos estudos, a literatura vem destacando que a prática do abuso digital nos relacionamentos afetivo-sexuais entre os adolescentes é muitas vezes naturalizada e confundida como “prova de amor” e cuidado, em que comportamentos abusivos de controle e intimidação são justificados por meio de uma visão romantizada do amor 35,36,37 ou podem ser justificados como “apenas uma brincadeira” 36. Em geral, os adolescentes não entendem as diversas formas de abuso emocional no meio virtual e o *cyber* controle como violência, mas sim como comportamentos “irritantes” praticados pelos parceiros 19.

Os estudos mostram ainda haver alta prevalência de sofrer ou praticar o abuso digital nos relacionamentos tanto para homens quanto para mulheres, mas com características diferenciadas de gênero 37,

**Tabela 3**

Caracterização das fontes segundo objetivos e metodologia do estudo, 2010-2016.

Fonte/Ano	Objetivo	Metodologia
Borrajó et al. <sup>35</sup> /2015	Analisar a relação entre crenças que justificam a violência e mitos sobre o amor em dois tipos de <i>cyber dating abuse</i> : controle e agressão direta.	Estudo transversal (656 jovens entre 18 e 30 anos).
Borrajó et al. <sup>36</sup> /2015	Determinar a extensão e diferenças sexuais de vitimização do <i>cyber dating abuse</i> , como também o contexto em que ocorre e sua relação com as agressões psicológica e física perpetradas nas relações face a face.	Estudo transversal (433 jovens entre 18 e 30 anos).
Borrajó et al. <sup>37</sup> /2015	Analisar as propriedades psicométricas do questionário sobre <i>cyber dating abuse</i> e conduzir análise inicial da prevalência e frequência desse tipo de abuso.	Estudo transversal (788 jovens entre 18 e 30 anos).
Dank et al. <sup>38</sup> /2014	Examinar experiências de violência física, psicológica, sexual e <i>cyber dating abuse</i> entre jovens lésbicas, gays e bissexuais, comparando-as com jovens heterossexuais, e explorar a variação da probabilidade de busca por ajuda e particularmente a presença de fatores de risco entre os dois tipos de vítimas de violência no namoro.	Estudo transversal (3.745 jovens entre 12 e 19 anos).
Dick et al. <sup>18</sup> /2014	Estimar a prevalência de <i>cyber dating abuse</i> entre jovens de 14 a 19 anos atendidos em um centro de saúde escolar e as associações com outras formas de relacionamento abusivo na adolescência, violência sexual e indicadores de saúde sexual e reprodutiva.	Estudo transversal (1.005 jovens entre 14 e 19 anos).
Durán & Martínez-Pecino <sup>22</sup> /2015	Analisar a agressão cibernética praticada por meio do uso do telefone móvel e internet, em que se veem os jovens nas suas relações de namoro.	Estudo qualitativo (336 estudantes universitários entre 18 a 30 anos).
Foshee et al. <sup>57</sup> /2015	Avaliar a eficácia do programa <i>Moms and Teens for Safe Date</i> de prevenção ao abuso no namoro, destinado especificamente a adolescentes expostos à violência doméstica.	Estudo de caso-controle (409 adolescentes entre 12 e 15 anos e 409 mães).
Jackson et al. <sup>46</sup> /2015	Não está claramente expresso.	Ensaio.
Sánchez et al. <sup>58</sup> /2015	Conhecer os riscos do <i>cybercortejo</i> e <i>cyberdating</i> adolescente, entendidos como todos os comportamentos e atitudes de natureza sexual que os adolescentes têm exibido no ambiente on-line em suas interações com os pares e com os seus parceiros, e podem resultar em algo agressivo ou desagradável.	Estudo transversal (268 adolescentes entre 12 e 18 anos).
Johnson et al. <sup>67</sup> /2015	Compreender o grau em que os programas de formação em psicologia incluem conteúdos sobre violência no namoro adolescente em seus currículos; examinar os conhecimentos e práticas dos estagiários de psicologia voltados à prevenção da violência no namoro adolescente e formas de intervenção.	Estudo transversal (amostra representativa das universidades americanas).
Lucero et al. <sup>19</sup> /2014	Explorar como os adolescentes percebem o potencial risco e benefício da tecnologia de interação social no seu namoro e como estas percepções variam por gênero.	Estudo qualitativo (23 estudantes do 10º ano).
Marganski & Fauth <sup>63</sup> /2013	Investigar as características de/e diferenças culturais na natureza dos relacionamentos de namoro modernos, focando nos comportamentos desviantes ocorridos no namoro entre jovens adultos.	Survey (648 participantes entre 18 e 30 anos).
Marganski & Melander <sup>47</sup> /2015	Explorar a extensão da vitimização da agressão cibernética nas relações íntimas e sua co-ocorrência com experiências pessoais de violência psicológica, física e de sexuais dos parceiros.	Survey (540 estudantes entre 18 e 25 anos).

(continua)



Tabela 3 (continuação)

Fonte/Ano	Objetivo	Metodologia
Martínez-Pecino & Dúran <sup>48</sup> /2016	Examinar o envolvimento de estudantes universitários em <i>cyberbullying</i> no contexto de suas relações de namoro e explorar o impacto do sexismo no <i>cyberbullying</i> dos homens com suas namoradas.	Survey (219 estudantes entre 18 e 28 anos).
McDonald & Merrick <sup>59</sup> /2013	Não está claramente expresso.	Revisão de literatura.
Melander <sup>49</sup> /2010	Explorar o papel da tecnologia na violência perpetrada pelo parceiro na faculdade.	Estudo qualitativo (39 entrevistados entre 18 e 23 anos)
Miller & McCauley <sup>50</sup> /2013	Analisar a literatura sobre relações abusivas entre adolescentes com foco nas meninas.	Revisão de literatura.
Miller et al. <sup>41</sup> /2015	Avaliar a eficácia da educação e aconselhamento nos centros de saúde escolar sobre o relacionamento abusivo.	Estudo de caso-controle (1.011 estudantes entre 14 e 19 anos).
Morelli et al. <sup>64</sup> /2016	Investigar a relação entre a quantidade de <i>sexting</i> , sofrimento psicológico e violência no namoro em adolescentes e jovens adultos.	Survey (1.334 participantes entre 13 e 30 anos).
Murray et al. <sup>51</sup> /2016	Fornecer um conjunto de recomendações e aconselhamento sobre violência no namoro adolescente.	Análise de bancos quanti e qualitativos de estudos sobre pessoas que vivenciaram abuso no relacionamento íntimo.
Patton et al. <sup>60</sup> /2014	Analisar os resultados de pesquisas existentes sobre os tipos mais comuns de violência juvenil em mídias sociais.	Revisão de literatura.
Reed et al. <sup>52</sup> /2016	Examinar a vitimização e a perpetração de comportamentos digitais do abuso no namoro entre estudantes universitários.	Estudo quantitativo (365 estudantes entre 17 e 22 anos).
Rueda et al. <sup>53</sup> /2015	Realizar estudo exploratório de como o conflito romântico é experimentado por meio da tecnologia de comunicação de informação entre adolescentes mexicanos de 15 a 17 anos.	Estudo qualitativo (132 participantes entre 15 a 17 anos).
Stonard et al. <sup>54</sup> /2014	Revisar e sistematizar a literatura sobre a prevalência e impacto do <i>Adolescent Dating Violence and Abuse</i> (ADVA) com foco na avaliação de relevância da tecnologia em relacionamentos românticos entre adolescentes e relacionamentos abusivos.	Revisão sistemática de literatura.
Taylor et al. <sup>55</sup> /2015	Examinar as relações entre as normas individuais e de classe que justificam a violência no namoro e a perpetração de violência física e psicológica no namoro.	Estudo longitudinal (2.022 estudantes do 6º ano, num período de 6 meses).
Temple et al. <sup>56</sup> /2016	Examinar a relação entre a violência tradicional no namoro (violência física, sexual e psicológica) e a perpetração e vitimização de <i>cyber dating abuse</i> segundo gênero, idade, etnia e nível educacional parental.	Estudo longitudinal (1.042 estudantes do 6º ano, num período de seis anos).
Van Ouytsel et al. <sup>42</sup> /2016	Destacar os fatores que poderiam aumentar o risco dos jovens serem controlados por seu parceiro romântico usando-se a tecnologia digital.	Estudo quantitativo (466 estudantes entre 16 e 22 anos).
Van Ouytsel et al. <sup>43</sup> /2016	Fornecer uma visão geral da pesquisa recente sobre o contexto e as consequências do abuso <i>cyber</i> no namoro e delinear várias sugestões para prevenção e intervenção.	Revisão da literatura.
Van Ouytsel et al. <sup>44</sup> /2016	Analisar as associações entre o uso de substâncias, comportamentos sexuais e vitimização <i>cyber dating abuse</i> .	Survey (1.187 estudantes entre 16 e 22 anos).
Walrave et al. <sup>45</sup> /2015	Investigar como o envolvimento no <i>sexting</i> é influenciado pela imagem que os adolescentes têm de seus colegas que se envolveram neste tipo de relacionamento.	Estudo transversal (217 estudantes entre 15 a 19 anos).

(continua)

Tabela 3 (continuação)

Fonte/Ano	Objetivo	Metodologia
Wolford-Clevenger et al. <sup>61</sup> /2016	Examinar os fatores estruturantes e validade convergente de <i>cyber dating abuse</i> , e examinar a prevalência e diferenças de gênero desta vitimização.	Estudo transversal (502 estudantes universitários).
Wright <sup>62</sup> /2015	Fornecer uma visão sobre o impacto das tecnologias eletrônicas sobre as relações amorosas dos adolescentes.	Estudo longitudinal (600 estudantes do 12º ano do Ensino Médio).
Yahner et al. <sup>39</sup> /2015	Identificar as taxas de co-ocorrência específicas de violência no namoro e intimidação no que diz respeito a atos de violência física e sexual, abuso psicológico e digitalmente perpetrado.	Estudo transversal (5.647 jovens entre 12 e 19 anos).
Zweig et al. <sup>40</sup> /2013	Examinar a extensão do <i>cyber dating abuse</i> em relacionamentos juvenis e como isto está relacionado com outras formas de violência no namoro entre adolescentes.	Estudo transversal (3.745 jovens entre 12 e 19 anos).
Zweig et al. <sup>20</sup> /2014	Identificar como a experiência de <i>cyber dating abuse</i> está relacionada aos comportamentos e experiências individuais de jovens (ex. uso de substâncias, atividade sexual), ajustamento psicossocial, relacionamento com a escola, a família e seus parceiros amorosos.	Estudo transversal (3.745 jovens entre 12 e 19 anos).

já que as mulheres praticam, especialmente, a categoria “controle/monitoramento” <sup>19,36,55,61</sup> e os homens costumam praticar mais a categoria “agressão direta”, compartilhando imagens e mensagens de *sexting* das parceiras <sup>19,22,45,52,53,55,56,58,62,63,64</sup> após o término do namoro, tornando o *revenge porn* algo “viral” <sup>19,35</sup>.

Outro aspecto que parece atingir de forma diferenciada moças e rapazes é a intensidade <sup>35</sup> com que as meninas experienciam as consequências emocionais do abuso digital sofrido dentro do relacionamento afetivo-sexual, contudo, não há diferenças significativas da prática do abuso digital no relacionamento entre sexos em relação ao contexto de justificação (por ciúme, “brincadeira”, revide ou por raiva e desejo de causar danos) <sup>36</sup>.

No estudo desenvolvido com adolescentes por Lucero et al. <sup>19</sup>, para as meninas entrevistadas o “monitoramento” é um componente necessário ao relacionamento amoroso, e é bastante comum criarem perfis falsos em redes sociais para monitorar fotos, *e-mail*, mensagens e tudo o que conseguirem sobre o que seus namorados têm feito no espaço virtual. Assim como acreditam que o compartilhamento de senhas é um sinal de confiança, de amor e de ter um relacionamento comprometido, e que neste contexto, a prática de apagar mensagens de outras meninas do celular do parceiro é algo comum <sup>19</sup>. Já os meninos afirmam ter consciência de que suas parceiras os monitoram constantemente nas redes sociais, e dizem não gostar de fornecer senhas pessoais, algo que só se faz quando já se tem construída a confiança entre os pares <sup>19</sup>.

Diante disso, controle e ciúmes por parte das meninas não é percebido como um comportamento abusivo, mas sim como forma de proteção da relação amorosa, como algo positivo e normal na relação, uma demonstração de amor <sup>19</sup>.

Agora, levando em conta as interações das formas de abusos digitais nos relacionamentos afetivo-sexuais com o *sexting*, é importante destacar que este termo surgiu nos Estados Unidos pela combinação de duas palavras, sexo (*sex*) e mensagem (*texting*). A prática do *sexting* consiste no envio de mensagens de texto, fotografias e vídeos de conotação sexual, com nudez, para um determinado sujeito ou para uma multidão <sup>32,65</sup>. O *sexting* como prática consensual não é designado como uma violência, todavia, sua postagem não consentida constitui, como forma de *revenge porn*, um tipo de abuso digital nas relações afetivo-sexuais.

O *revenge porn* ocorre mais frequentemente na fase de término dos relacionamentos afetivo-sexuais – como bem demonstra a literatura identificada neste acervo – quando um dos ex-parceiros ou ambos compartilham na Internet fotos e vídeos íntimos criados durante a vigência do relacionamento

**Tabela 4**

Caracterização do abuso digital ocorrido nos relacionamentos afetivo-sexuais segundo conceituação, denominação, caracterização e tecnologias sociais de intervenção sugeridas, 2010-2016.

<b>Categorias</b>	<b>Fontes</b>	<b>Síntese dos resultados</b>
Conceituação e denominações Conceituação	35	Tentativa de controlar o parceiro ou ex-parceiro usando meios eletrônicos; envio de insultos e mensagens ameaçadoras.
	36	Postagem de fotos e vídeos embaraçosos pela Internet sem o consentimento do parceiro com o propósito de constrangê-lo; uso de senha pessoal do parceiro para espiar suas redes de relacionamento pela Internet e <i>e-mail</i> ; controle permanente do parceiro, usando as tecnologias eletrônicas.
	37	Vigilância e monitoramento do parceiro ou ex-parceiro; postagem de comentários rudes e humilhantes; envio de <i>e-mails</i> ou mensagens ameaçadoras; postagem de fotos com a intenção de humilhar o parceiro.
	38	Pressão para o parceiro enviar fotos das partes sexuais ou nu de ambos; postagem não consentida destas fotos; envio de mensagens de texto ameaçadoras; uso da conta de rede social do parceiro sem a sua permissão.
	18	Uso de tecnologia para controlar, perturbar, ameaçar ou perseguir outra pessoa no contexto do namoro.
	22	Uma forma de intimidação, perseguição e maus-tratos por parte de um indivíduo ou grupo, implicando o uso de meios tecnológicos como canal de agressão, praticado via uso de telefone móvel e internet pelos jovens em suas relações de namoro.
	46	Uso da mídia social como <i>e-mail</i> , mensagem de texto, Facebook e/ou Twitter para perpetrar abuso contra o parceiro romântico ou pretendente.
	58	Todos os comportamentos e atitudes de natureza sexual praticados pelos adolescentes em suas interações sociais on-line com pares e parceiros, e que podem resultar em agressão.
	19	Uso de qualquer forma de tecnologia de interação social digital para ameaçar, perseguir, humilhar ou controlar o parceiro amoroso. É demarcada por comportamentos de coerção e controle, comumente entendido como uma forma de abuso psicológico.
	50	Uso tecnologia digital para controlar e abusar do(a) namorado(a).
	64	É a troca de conteúdo sexualmente explícito ou provocativo via <i>smartphone</i> , Internet ou redes sociais, se caracterizando como comportamentos de risco e agressivos.
	51	Comportamento abusivo perpetrado via tecnologia, como <i>e-mail</i> , mensagem de texto e rede social.
	52	É um padrão de comportamento que controla, pressiona ou ameaça um parceiro de namoro usando telefone celular ou a Internet.
	54	Comportamento psicológico e sexualmente abusivo.
	56	Monitoramento, controle, perseguição ou outras formas de abuso praticado pelo parceiro(a) via tecnologia digital.
	42	É o controle, assédio, perseguição e abuso cometidos pelo parceiro via uso da tecnologia e das mídias sociais.
	43	Mesma definição do Van Ouytsel et al. <sup>42</sup> .
	44	Mesma definição do Van Ouytsel et al. <sup>42</sup> .
	61	Assédio, perseguição, monitoramento, humilhação ou abuso verbalmente praticado por um dos parceiros usando tecnologias, tais como telefone celular, redes sociais ou <i>e-mail</i> .
	62	Envio de mensagens desagradáveis, invasão da privacidade ou o envio anônimo ao parceiro usando conteúdo textual, de áudio, imagens ou de vídeo armazenado em dispositivos móveis ou computadores. Esses comportamentos são alarmantes porque os perpetradores são capazes de se conectar constantemente com seus parceiros românticos, fazendo com que ele ou ela se sinta sem esperança.
39	Pressão para o parceiro enviar fotos das partes sexuais ou nu de ambos; envio de mensagens de texto ameaçadoras, de <i>e-mail</i> e <i>chats</i> visando a que o parceiro se sinta inseguro; redação de textos desagradáveis sobre o parceiro em seu perfil de rede social (Facebook e MySpace).	
40	Controle, assédio, perseguição e abuso por parte de um dos parceiros via tecnologia e mídia social.	
20	Forma de abuso psicológico. Mesma denominação de Zweig et al. <sup>40</sup> .	

(continua)

Tabela 4 (continuação)

Categories	Fontes	Síntese dos resultados
Denominações	18,20,35,36,37,38, 39,40,41,42,43,44, 50,51,52,56,58 35 47,59,62 22 48 49 50 64 60 53 54 43 45,63 61	<i>Cyber dating violence/abuse.</i>  <i>On-line dating abuse.</i> <i>Cyber aggression.</i> <i>Cyberacoso.</i> <i>Cyberbullying.</i> <i>Intimate partner cyber harassment.</i> <i>Technology based abuse.</i> <i>Sexting.</i> <i>Electronic dating aggression/cyber-stalking.</i> <i>Technology and dating conflict.</i> <i>Technology assisted adolescent dating violence and abuse.</i> <i>Digital forms of dating abuse.</i> <i>Socially interactive technologies abuse/violence.</i> <i>Partner cyber abuse.</i>
Caracterização Tipos de abusos digitais	19,22,35,36,37,41, 42,43,46,47,48,49,50, 51,52,53,54,55,56 37,40,43,44,47,48,49, 52,54,55, 56,57,58,59,60,61,62 19,22,43,45,52,54, 58,63,64	Agressão direta e controle/monitoramento.  Associação com outros tipos tradicionais de violência perpetrada por parceiro íntimo.  Interação das formas de abusos digitais nos relacionamentos afetivo-sexuais com o <i>sexting</i> .
Associações entre os abusos digitais nos relacionamentos afetivo-sexuais e saúde mental	36,54 20,38,43,44,56,60,64 36,38,43,46,54,62,64 20,38,43,54 54 20,36,38,43,46, 54,56, 61,62,64 46 54,56	Altos níveis de estresse pós-traumático ( <i>posttraumatic stress disorder</i> ). Uso de substâncias psicoativas. Ansiedade. Agressividade/hostilidade. Distúrbios do sono. Sintomas depressivos.  Violência autoinfligida. Ideações e tentativas de suicídio.
Associações entre os abusos digitais nos relacionamentos afetivo-sexuais e saúde reprodutiva	18,20,40,41,43,44, 46,50,60,64	Não uso de contraceptivos, coerção sexual e comportamentos sexuais de risco.

(continua)

Tabela 4 (continuação)

Categorias	Fontes	Síntese dos resultados
Tecnologias sociais de intervenção	35	Criação de programas de prevenção ao <i>cyber dating abuse</i> em populações pré-adolescentes.
	38	Criação de programas de orientação sobre <i>cyber dating abuse</i> com jovens lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros.
	38,51	Inclusão de conselheiros na escola e orientação às famílias.
	22	Criação de instrumentos de avaliação que permitam recolher informações qualitativas que forneçam explicações melhores acerca da <i>cyber</i> perseguição nas relações de namoro.
	57	Programa de prevenção à violência no namoro voltado a adolescentes expostos à violência familiar.
	58	Incluir as condutas sexuais de risco no desenvolvimento de programas de prevenção ( <i>sexting</i> ).
	67	Inclusão da temática no currículo acadêmico de psicólogos que atuem em escolas.
	50	Prevenção do <i>adolescent relationship abuse</i> e intervenção sob o contexto da promoção da igualdade de gênero.
	43	Implantação de programas de prevenção à violência no namoro nas escolas.
	45	Ampliação do conhecimento dos jovens quanto aos riscos e consequências legais envolvidos na prática do <i>sexting</i> no namoro.

afetivo-sexual, sem o consentimento de um dos envolvidos, com o intuito de difamar, humilhar, chantagear e/ou se vingar <sup>66</sup>.

Já no que concerne às associações entre o abuso digital ocorrido nos relacionamentos afetivo-sexuais e saúde mental dos adolescentes que são vitimados, indica-se a presença de altos níveis de estresse pós-traumático <sup>36,54</sup>, uso de substâncias psicoativas <sup>20,38,43,44,56,60,64</sup>, ansiedade <sup>20,36,38,43,54,62,64</sup>, agressividade/hostilidade <sup>20,38,43,54</sup>, distúrbios do sono <sup>54</sup>, sintomas depressivos <sup>20,36,38,43,46,54,56,61,62,64</sup>, violência autoinfligida <sup>46</sup>, ideações e tentativas de suicídios <sup>54,56</sup>.

Fatores associados à saúde sexual e reprodutiva <sup>18,20,40,41,43,44,46,50,60,64</sup> são indicados por Jackson et al. <sup>46</sup>, e Miller & McCauley <sup>50</sup> que salientam que o abuso digital ocorrido nos relacionamentos afetivo-sexuais e a coerção reprodutiva são as mais recentes formas de abuso no relacionamento íntimo. Dick et al. <sup>18</sup> verificaram que as moças participantes de seu estudo com exposição recente ao abuso digital em seus relacionamentos amorosos tinham de 2 a 4 vezes mais chances de não usarem nenhuma forma de contracepção, e de 3 a 6 vezes mais chances de experimentar alguma forma de coerção reprodutiva e/ou “comportamentos sexuais de risco” se comparadas com aquelas que não haviam sofrido nenhuma exposição ao abuso digital no relacionamento afetivo-sexual, mais uma vez indicando a sinergia entre as dinâmicas de violência nas relações digitais e nas relações presenciais.

Outros possíveis desfechos deletérios aos adolescentes que sofrem abuso digital nos relacionamentos afetivo-sexuais são o baixo rendimento escolar <sup>20,38,56</sup> e comportamentos delinquentes <sup>20,38</sup>.

Sobre as tecnologias sociais de intervenção, todos os estudos analisados reconhecem a necessidade de abordagens que priorizem o enfrentamento dessa nova modalidade de violência perpetrada por parceiros íntimos.

Borrajo et al. <sup>35</sup> recomendam a criação de programas de prevenção voltados aos meninos(as) antes deles entrarem na adolescência e que problematizem as justificativas alegadas para a ocorrência do abuso nas relações afetivo-sexuais adolescentes, como “ciúmes”, “uso da agressão como brincadeira”, ou ainda “o revide”, nos casos em que o(a) parceiro(a) pratica a violência porque o outro também cometeu.

Dois artigos destacaram que determinados grupos, devido à sua peculiar condição de vulnerabilidade, deveriam ser priorizados. Dank et al. <sup>38</sup> sugerem estudos preventivos e de intervenção profissional destinados a jovens lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros, tomando como base seu estudo que revela uma prevalência maior de abuso digital nos relacionamentos afetivo-sexuais destas pessoas em relação aos heterossexuais. Foshee et al. <sup>57</sup>, baseando-se na avaliação da eficácia do projeto *Moms and Teens for Safe Dates*, indicam programas de prevenção especificamente voltados aos adolescentes expostos à violência doméstica, uma vez que estes são potencialmente vulneráveis à violência

no namoro. Acrescenta-se também a essas propostas a sugestão de Sánchez et al.<sup>58</sup> e Walrave et al.<sup>45</sup>, que reforçam a necessidade de ações visando a ampliar o conhecimento dos jovens quanto às condutas sexuais de risco e consequências legais envolvidas na prática do *sexting* no namoro.

A sugestão de incluir profissionais capacitados à identificação, orientação, prevenção e intervenção nos casos de abuso na abordagem às famílias e nas escolas, foi destacada por Dank et al.<sup>38</sup> e Murray et al.<sup>51</sup>, que reforçaram o papel relevante dos conselheiros familiares e escolares para orientar as famílias e estudantes quanto ao risco do namoro violento na adolescência, visando à desnaturalização desta forma de abuso, muitas vezes minimizados pelos pais dos jovens como eventos de pouca importância. A capacitação de médicos e demais profissionais de saúde para a identificação das formas de violência no namoro, incluindo o abuso digital, é também sugerida por Miller & McCauley<sup>50</sup>. Bem como a implantação de programas de prevenção à violência no namoro nas escolas<sup>43</sup>.

Outro destaque enfatizado por Johnson et al.<sup>67</sup> diz respeito à necessidade de se reestruturar os currículos acadêmicos de psicólogos que atuam nas escolas, enfatizando não só um conhecimento generalista sobre a violência ocorrida no namoro adolescente, mas também como avaliar e intervir diante dos casos de abuso digital.

Por fim, a literatura apontou também a necessidade de desenvolvimento de trabalhos focados no abuso digital ocorrido nos relacionamentos afetivo-sexuais. Para tal, sugerem a realização de estudos qualitativos de profundidade que busquem compreender as experiências de abuso digital perpetrado pelo parceiro íntimo no mundo tecnológico e moderno atual, visando a esforços de prevenção e intervenção<sup>19,22,47,49,52,53,60,63</sup> que tenham a preocupação de distinguir jovens com orientação heterossexual daqueles com orientação homossexual<sup>38,46</sup>, que relacionem a prática do *sexting*, uso de álcool, comportamentos sexuais de risco, depressão e ansiedade, e a violência digital ocorrida no contexto do namoro<sup>44,62,64</sup>.

## Considerações finais

A revisão feita reitera subsídios para afirmar as diferenças entre o abuso digital nas relações afetivo-sexuais e o *cyberbullying*, considerando os três tipos principais de abuso digital ocorridos nos relacionamentos afetivo-sexuais (controle/monitoramento; pornografia de vingança, incluindo o *sexting* não consentido; e agressão direta), tratados neste artigo.

A primeira diferença envolve a questão da audiência (postagens destinadas à humilhação pública entre o coletivo de pares) central para o *cyberbullying*, e não necessariamente presente no abuso digital nos relacionamentos afetivo-sexuais. Nesse, o rastreamento e o monitoramento realizados estão voltados para o(a) parceiro(a) afetivo-sexual, e são realizados de forma discreta, sem o conhecimento público ou do(a) parceiro(a). O anonimato e sigilo nas práticas de abuso cometido nas relações de intimidade são nevrálgicos à sua reprodução. Há, por exemplo, dezenas de aplicativos disponíveis para os aparelhos de telefonia móvel (Android e iPhone), que permitem o controle remotamente do mesmo, de maneira simples, gratuita e sem o conhecimento do parceiro(a) de todas as ações feitas usando-se o celular, desde suas postagens, conversas, até seus deslocamentos por meio do uso de tecnologia GPS, ligações, fotografias e vídeos feitos, dentre outros.

A forma de perseguição (*harassment*) ou controle/monitoramento no abuso digital ocorrido nas relações afetivo-sexuais é aquela conhecida pela literatura de violência de gênero/violência entre parceiros íntimos, isto é, voltada para o controle dos comportamentos e contatos sociais, para o monitoramento de amizades e possíveis traições amorosas<sup>35</sup>. Assim, a relação de poder (e de desigualdade de poder) está associada à ideia de controle do(a) parceiro(a) amoroso(a), portanto, vinculada a uma perspectiva de gênero.

Já a pornografia de vingança que inclui a ampla e disseminada prática do *sexting* não consentido e a agressão direta também se apresentam nas formas de *cyberbullying*. O *sexting* não consentido, inclusive, não se delimita aos parceiros afetivo-sexuais. Já os comportamentos de agressão direta referem-se a atos destinados a causar danos ao(à) parceiro(a), como ameaçar, insultar, espalhar informações falsas e/ou depreciativas<sup>35</sup>. Mas mesmo esses pontos de convergência implicam enquadramentos de representações sociais diferentes: o abuso digital nos relacionamentos afetivo-sexuais

muitas vezes é lido por suas vítimas como uma demonstração de amor e ciúme, o que não acontece no *cyberbullying* e é característico da violência perpetrada entre parceiros íntimos.

A prática do abuso digital nos relacionamentos afetivo-sexuais não está circunscrita ao âmbito das relações afetivo-sexuais de adolescentes, pois está também presente entre adultos, todavia, os mais jovens são potencialmente mais vulneráveis aos seus efeitos<sup>68</sup>. Os danos à identidade, autoestima, integridade e privacidade de quem sofre o abuso digital nos relacionamentos íntimos deixam marcas psíquicas cujas extensões ainda são pouco conhecidas, podendo levar ao isolamento, à depressão, ansiedade, uso de drogas, baixo rendimento escolar e até mesmo à tentativa e/ou efetivação do ato suicida<sup>69,70</sup>.

Tais consequências nos alertam quanto à importância do olhar atento dos profissionais de saúde para a problematização e abordagem desses temas junto aos adolescentes, bem como sua contribuição para a identificação das situações. Ainda que seja recente, por sua expressão digital e tecnológica, o tema da violência entre parceiros íntimos já encontra acúmulo de experiências na saúde e educação, e indica que discutir com meninos e meninas as relações amorosas adolescentes/juvenis continua sendo demanda pouco atendida e estratégica, face à vulnerabilidade que este segmento etário apresenta para sofrer e praticar diversas formas de violências.

Numa época de relações de hiperexposição *on-line*, o abuso digital constitui um dano à imagem pública, que representa capital essencial no campo das relações sociais virtuais<sup>5,71</sup>. Constitui também uma nova modalidade de violência entre parceiros íntimos, desafiando os estudos a conhecerem melhor se haveria basicamente uma continuidade de ações entre parceiros já violentos nas relações presenciais, ou se o ambiente digital estimularia aqueles que não praticariam atos semelhantes sem tais meios. A alta reciprocidade da prática do abuso digital nos relacionamentos afetivo-sexuais entre homens e mulheres indica ainda que estudos futuros devem buscar compreender como as dinâmicas de gênero são reproduzidas ou subvertidas nessa forma de violência digital.

Defendemos que as intervenções devem focar menos na ideia de controle do uso das tecnologias (porque estas constituem um eixo central na sociabilidade juvenil contemporânea) e mais na discussão crítica das violências banalizadas no cotidiano das relações afetivo-sexuais, desde as suas primeiras vivências juvenis.

## Colaboradores

R. M. D. Flach e S. F. Deslandes trabalharam igualmente na elaboração do artigo.

## Referências

1. Castells M. A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Zahar; 2003.
2. Lévy P. Cibercultura. São Paulo: Editora 34; 2010.
3. Bolesina I, Gervasoni TA. Internet, cibercultura e pós-modernidade: primeiros nós de uma nova rede contextual. In: Anais do 3º Congresso Internacional de Direito e Contemporaneidade: Mídias e Direitos da Sociedade em Rede. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria; 2015. p. 1-15.
4. Lemos A. Cibercultura e mobilidade: a era da conexão. In: Intercom. XXVIII Congresso Brasileiro de Ciência da Comunicação. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro; 2005. p. 1-17.
5. Keen A. Vertigem digital: por que as redes sociais estão nos dividindo, diminuindo e desorientando. Rio de Janeiro: Zahar; 2012.
6. Abreu CL. Hipervisibilidade e self-disclosure: novas texturas da experiência social nas redes digitais. *Visualidades* 2015; 13:194-219.
7. Debord G. A sociedade do espetáculo (1931-1994). <http://www.cisc.org.br/portal/biblioteca/socespetaculo.pdf> (acessado em 30/Jul/2016).
8. Lemos A, Lévy P. O futuro da internet: em direção a uma ciber democracia planetária. São Paulo: Paulus; 2010.
9. Ball B, Holland KM, Marshall KJ, Lippy C, Jain S, Souders K, et al. Implementing a targeted teen dating abuse prevention program: challenges and successes experienced by expert respect facilitators. *J Adolesc Health* 2015; 56(2 Suppl 2):S40-6.
10. Foshee VA, Reyes HLM, Ennett ST, Cance JD, Bauman KE, Bowling JM. Assessing the effects of families for safe dates, a family-based teen dating abuse prevention program. *J Adolesc Health* 2012; 51:349-56.
11. Wykes M. Constructing crime: culture, stalking, celebrity and cyber. *Crime Media Culture* 2007; 3:158-74.
12. Botelho LLR, Cunha CCA, Macedo M. O método da revisão integrativa nos estudos organizacionais. *Gestão e Sociedade* 2011; 5:121-36.
13. Whittemore R, Knafl K. The integrative review: updated methodology. *J Adv Nurs* 2005; 52:546-53.
14. Powers J, Kerman E. Teen dating violence. Ithaca: Cornell University; 2006. (Research Facts and Findings).
15. Nascimento FS, Cordeiro RLM. Violência no namoro para jovens moradores de Recife. *Psicol Soc* 2011; 23:516-25.
16. Exner-Cortens D, Eckenrode J, Rotchman E. Longitudinal associations between teen dating violence victimization and adverse health outcomes. *Pediatrics* 2013; 131:71-8.
17. Manuel SCG. A violência no namoro entre jovens adultos [Dissertação de Mestrado]. Porto: Universidade do Porto; 2014.
18. Dick RN, McCauley HL, Jones KA, Tancredi DJ, Goldstein S, Blackburn S, et al. Cyber dating abuse among teens using school-based health centers. *Pediatrics* 2014; 134:e1560-7.
19. Lucero JL, Weisz AN, Smith-Darden J, Lucero SM. Exploring gender differences: socially interactive technology use/abuse among dating teens. *Affilia* 2014; 29:478-91.
20. Zweig JM, Lachman P, Yahner J, Dank M. Correlates of cyber dating abuse among teens. *J Youth Adolesc* 2014; 43:1306-21.
21. Schnurr MP, Mahatmya D, Basche RA. The role of dominance, cyber aggression perpetration, and gender on emerging adults' perpetration of intimate partner violence. *Psychol Violence* 2013; 3:70-83.
22. Durán M, Martínez-Pecino R. Ciberacoso mediante teléfono móvil e Internet en las relaciones de noviazgo entre jóvenes. *Comunicar* 2015; XXII:159-67.
23. Shariff S. Ciberbullying: questões e soluções para a escola, a sala de aula e a família. Porto Alegre: Editora Artmed; 2011.
24. Smith PK. Cyberbullying: the European perspective. In: Mora-Merchan J, Jaeger T, editors. *Cyberbullying: a cross-national comparison*. Landau: Verlag Emprische Padagogik; 2010. p. 7-19.
25. Wendt GW, Lisboa CSM. Compreendendo o fenômeno do cyberbullying. *Trends Psychol* 2014; 22:39-54.
26. Ybarra ML, Boyd D, Korchmaros JD, Oppenheim J. Defining and measuring cyberbullying within the larger context of bullying victimization. *J Adolesc Health* 2012; 51:53-8.
27. Garaigordobil M. Prevalencia y consecuencias del cyberbullying: una revisión. *International Journal of Psychology and Psychological Therapy* 2011; 11:233-54.



28. Sourander A, Brunstein Klomek A, Ikonen M, Lindroos J, Luntamo T, Koskelainen M, et al. Psychosocial risk factors associated with cyberbullying among adolescents: a population-based study. *Arch Gen Psychiatry* 2010; 67:720-8.
29. Mishna F, Khroury-Kassabri M, Gadalla T, Daciuk J. Risk factors for involvement in cyber bullying: victims, bullies and bully-victims. *Child Youth Serv Rev* 2012; 34:63-70.
30. Hinduja S, Patchin JW. *Bullying beyond the schoolyard: preventing and responding to cyberbullying*. Thousand Oaks: Corwin Press; 2009.
31. Bonomi AE, Anderson ML, Nemeth J, Bartle-Haring S, Buettner C, Schipper D. Dating violence victimization across the teen years: abuse frequency, number of abusive partners, and age at first occurrence. *BMC Public Health* 2012; 12:637.
32. Barros SC, Ribeiro PRC, Quadrado RP. Sexting: entendendo sua condição de emergência. *EXEDRA Revista Científica ESEC* 2014; (Supl):192-213.
33. Wanzinack C, Scremin SF. Sexting: comportamento e imagem do corpo. *Divers@!* Revista Eletrônica Interdisciplinar 2014; 7:22-9.
34. Freitas KKN. A pornografia de vingança e a culpabilização das vítimas pela mídia. In: *Intercom. XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste*. Natal: Universidade Potiguar; 2015. p. 1-12.
35. Borrajo E, Gámez-Guadix M, Calvete E. Justification beliefs of violence, myths about love and cyber dating abuse. *Psicothema* 2015; 27:327-33.
36. Borrajo E, Gámez-Guadix M, Calvete E. Cyber dating abuse: prevalence, context, and relationship with off-line dating aggression. *Psychological Reports: Relationships & Communications* 2015; 116:565-85.
37. Borrajo E, Gámez-Guadix M, Pereda N, Calvete E. The development and validation of the cyber dating abuse questionnaire among young couples. *Comput Human Behav* 2015; 48:358-65.
38. Dank M, Lachman P, Zweig JM, Yahner J. Dating violence experiences of lesbian, gay, bisexual, and transgender youth. *J Youth Adolesc* 2014; 43:846-57.
39. Yahner J, Dank M, Zweig JM, Lachman P. The co-occurrence of physical and cyber dating violence and bullying among teens. *J Interpers Violence* 2015; 30:1079-89.
40. Zweig JM, Dank M, Yahner J, Lachman P. The rate of cyber dating abuse among teens and how it relates to other forms of teen dating violence. *J Youth Adolesc* 2013; 42:1063-77.
41. Miller E, Goldstein S, McCauley HL, Jones KA, Dick RN, Jetton J, et al. A school health center intervention for abusive adolescent relationships: a cluster RCT. *Pediatrics* 2015; 135:76-85.
42. Van Ouytsel J, Ponnet K, Walrave M. Cyber dating abuse victimization among secondary school students from a lifestyle-routine activities theory perspective. *J Interpers Violence* 2016; pii:0886260516629390. [Epub ahead of print].
43. Van Ouytsel J, Walrave M, Ponnet K, Temple JR. Digital forms of dating violence: what school nurses need to know. *NASN Sch Nurse* 2016; pii:1942602X16659907. [Epub ahead of print].
44. Van Ouytsel J, Walrave M, Ponnet K, Temple JR. Adolescent cyber dating abuse victimization and its association with substance use, and sexual behaviors. *Public Health* 2016; 135:147-51.
45. Walrave M, Ponnet K, Van Ouytsel J, Gool EV, Heirman W, Verbeek A. Whether or not to engage in sexting: explaining adolescent sexting behavior by applying the prototype willingness model. *Telematics and Informatics* 2015; (32):796-808.
46. Jackson J, Randell KA, Miller MK. Adolescent relationship abuse: how to identify and assist at-risk youth in the emergency department. *Clin Pediatr Emerg Med* 2016; 16:113-8.
47. Marganski A, Melander L. Intimate partner violence victimization in the cyber and real world: examining the extent of cyber aggression experiences and in-person dating violence. *J Interpers Violence* 2015; pii:0886260515614283. [Epub ahead of print].
48. Martínez-Pecino R, Dúran M. I love you but I cyberbully you: the role of hostile sexism. *J Interpers Violence* 2016; pii:0886260516645817. [Epub ahead of print].
49. Melander LA. College students' perceptions of intimate partner cyber harassment. *Cyberpsychol Behav Soc Netw* 2010; 13:263-9.
50. Miller E, McCauley HL. Adolescent relationship abuse and reproductive and sexual coercion among teen. *Curr Opin Obstet Gynecol* 2013; 25:364-9.
51. Murray CE, King K, Crowe A. Understanding and addressing teen dating violence: implications for family counselors. *Fam J Alex Va* 2016; 24:52-9.
52. Reed LA, Tolman RM, Ward LM. Snooping and sexting: digital media as a context for dating aggression and abuse among college students. *Violence Against Women* 2016; 22:1556-76.

53. Rueda HA, Lindsay M, Williams LR. "She posted it on facebook": Mexican American adolescents' experiences with technology and romantic relationship conflict. *J Adolesc Res* 2015; 30:419-45.
54. Stonard KE, Bowen E, Lawrence TR, Price SA. The relevance of technology to the nature, prevalence and impact of adolescent dating violence and abuse: a research synthesis. *Aggress Violent Behav* 2014; 19:390-417.
55. Taylor KA, Sullivan TN, Farrell AD. Longitudinal relationships between individual and class norms supporting dating violence and perpetration of dating violence. *J Youth Adolesc* 2015; 44:745-60.
56. Temple JR, Choi HJ, Brem M, Wolford-Clevenger C, Stuart GL, Peskin MF, et al. The temporal association between traditional and cyber dating abuse among adolescents. *J Youth Adolesc* 2016; 45:340-9.
57. Foshee VA, Benefield T, Dixon KS, Chang L, Senkomago V, Ennet ST, et al. The effects of moms and teens for safe dates (MTSD): a dating abuse prevention program for adolescents exposed to domestic violence. *Youth Adolesc* 2015; 44:995-1010.
58. Sánchez V, Muñoz-Fernández N, Vega E. Cyberdating in adolescence: the risks and the emotional harm of sexual cyberbehavior. *Psychology, Society & Education* 2015; 7:227-40.
59. McDonald R, Merrick MT. "Above all things, be glad and young": advancing research on violence in adolescence. *Psychol Violence* 2013; 3:289-96.
60. Patton DU, Hong JS, Ranney M, Patel S, Kelley C, Eschmann R, et al. Social media as a vector for youth violence: a review of the literature. *Comput Human Behav* 2014; 35:548-53.
61. Wolford-Clevenger C, Zapor H, Brasfield H, Febres J, Elmquist J, Brem M, et al. An examination of the partner cyber abuse questionnaire in a college student sample. *Psychol Violence* 2016; 6:156-62.
62. Wright MF. Cyber aggression within adolescents' romantic relationships: linkages to parental and partner attachment. *J Youth Adolesc* 2015; 44:37-47.
63. Marganski A, Fauth K. Socially interactive technology and contemporary dating: a cross-cultural exploration of deviant behaviors among young adults in the modern, evolving technological world. *Int Crim Justice Rev* 2013; 23:357-77.
64. Morelli M, Bianchi D, Baiocco R, Pezzuti L, Chiombolo A. Sexting, psychological distress and dating violence among adolescents and young adults. *Psicothema* 2016; 28:137-42.
65. Ventura MCAA. Violência no namoro: crenças e autoconceito nas relações sociais de gênero. Modelo de intervenção em enfermagem [Tese de Doutorado]. Porto: Universidade do Porto; 2014.
66. Martsof D, Colbert C, Draucker C. Adolescent dating violence prevention and intervention in a community setting: perspectives of young adults and professionals. *Qual Rep* 2012; 99:1-23.
67. Johnson SE, Hoffman JA, Kruger LJ, Rizzo CJ. Teaching school psychology students about teen dating violence: a snapshot of training practices across the USA. *School Ment Health* 2015; 7:249-60.
68. Brauser D. Cyber dating abuse common among teens. *Medscape Medical News Psychiatry* 2014. <http://www.medscape.com/viewarticle/835105>.
69. Martinez C. An argument for States to outlaw "revenge porn" and for Congress to Amend 47 U.S.C § 230: How our current laws do little to protect victims. *Journal of Technology Law & Policy* 2014; 14:236-52.
70. Tungate A. Bare necessities: the argument for a "revenge porn" exception in Section 230 immunity. *Information & Communications Technology Law* 2014; 13:172-88.
71. Hinduja S, Patchin JW. Electronic dating violence: a brief guide for educators and parents. [http://cyberbullying.org/electronic\\_dating\\_violence\\_fact\\_sheet.pdf](http://cyberbullying.org/electronic_dating_violence_fact_sheet.pdf) (acessado em 30/Jul/2016).

## Abstract

Cyber culture with its related e-commerce, expanded since the 2000s through the advent of social network platforms, incites participants to engage in hyper-exposure and spectacularization of their private lives, with inherent consequences for personal image and privacy, publicizing private matters (especially those pertaining to sexuality and corporality) in the digital media. This raises the need to understand how the phenomenon of cyber dating abuse in affective and sexual relationships is conceptualized and characterized in scientific studies, which health problems are associated with it, and which social technologies are suggested for intervention. This form of abuse is a new expression of intimate partner violence that involves, among other practices, posting embarrassing photos and videos and intimate messages without prior consent, with the purpose of humiliating and defaming the person. The current study is an integrative systematic review, including 35 articles, with a predominance of studies in the United States (22). Types of cyber dating abuse range from direct aggression to stalking. Despite the high prevalence, especially among adolescents and youth, the literature highlights that this type of cyber abuse is often taken for granted. The suggested interventions are mostly for prevention and awareness-raising concerning relationship abuse, action by school counselors, and family orientation. The high reciprocity of cyber dating abuse between males and females indicates that future studies should attempt to elucidate how the dynamics of gender violence are reproduced or subverted by it.

*Intimate Partner Violence; Social Networking; Internet; Adolescent*

## Resumen

La cultura digital y su red comercial se expandieron a partir de los años 2000 con el advenimiento de las plataformas de redes sociales, incitando a sus partícipes a la (hiper) exposición y espectacularización de sus intimidades, con consecuencias inherentes a la imagen personal y a la privacidad, publicitando en los medios digitales cuestiones de carácter íntimo, especialmente las que son relativas a la sexualidad y corporalidad. En este contexto, se busca comprender cómo es concebido y caracterizado el fenómeno del abuso digital en las relaciones afectivo-sexuales en los estudios científicos, qué daños a la salud están asociados al mismo y qué tecnologías sociales de intervención se sugieren. Esta forma de abuso digital es una nueva expresión de la violencia en pareja que involucra, entre otras prácticas, la difusión de fotos y vídeos comprometedores y mensajes íntimos sin consentimiento previo, con el fin de humillar y difamar a la persona. El presente trabajo constituye una revisión sistemática integradora, incluyendo 35 artículos, donde predominan estudios norteamericanos (22). Entre los tipos de abusos digitales se destacan las formas de agresión directa y control/monitorización. A pesar de la alta prevalencia, especialmente entre adolescentes y jóvenes, la literatura destaca que la práctica de este tipo de abuso digital está considerada muchas veces natural. Las intervenciones sugeridas son mayoritariamente de prevención y concientización sobre las relaciones abusivas, actuación de orientadores en la escuela y en las familias. La alta reciprocidad de la práctica del abuso digital en las relaciones afectivo-sexuales entre hombres y mujeres indica que los análisis futuros deben buscar comprender cómo se reproducen y subvierten las dinámicas de violencia de género en este contexto.

*Violencia de Pareja; Red Social; Internet; Adolescente*

---

Recebido em 06/Ago/2016  
Versão final reapresentada em 16/Mar/2017  
Aprovado em 03/Abr/2017